

O jornalismo tradicional e as narrativas independentes

O caso da cobertura das manifestações populares de 2013 no Brasil

Preparado por Ana Amélia Erthal, da ESPM-RJ¹.

Recomendado para as disciplinas de: Apuração e Texto Jornalístico I, História do Jornalismo, Linguagem Jornalística II, Teorias do Jornalismo, Perspectiva Crítica da Notícia, Ética Jornalística, Cenários e Tendências Culturais, Produção de Conteúdo Digital (PósGraduação de Marketing e Design).

Competências desenvolvidas: Compreender a variedade das novas linguagens, os usos e apropriações que as ferramentas digitais criaram para produtores de conteúdo e para a população engajada em diversos setores, explorar as possibilidades das redes sociais digitais como espaço jornalístico.

Resumo

O caso aborda a cobertura realizada pela mídia tradicional (jornais impressos, revistas, emissoras de rádio e TV) e a cobertura realizada pela mídia alternativa, mais especificamente, o grupo Mídia Ninja (Narrativas Alternativas, Jornalismo e Ação), fundado por Pablo Capilé e Bruno Torturra com apoio da Rede Fora do Eixo. Enquanto os telejornais mostravam as turbas caminhando pelas ruas das cidades mais importantes do País do ponto de vista de um helicóptero, contando com depoimentos de repórteres infiltrados na passeata via link ao vivo pelo celular, o Mídia Ninja mostrava as atrocidades que aconteciam nas ruas, durante os eventos e mesmo depois deles, gravando ininterruptamente via celulares de colaboradores voluntários momentos marcantes que colocaram em questão a reputação da mídia tradicional. Para esse caso, foram entrevistados Filipe Peçanha e Driade Aguiar, na sede da rede, em Botafogo, no Rio de Janeiro, em 17 de dezembro de 2013.

Palavras-chave

Mídia Ninja, jornalismo pós-industrial, redes sociais, conteúdo gerado por usuário.

Fevereiro/2014.

¹ Este caso foi escrito inteiramente a partir de informações cedidas pela empresa e outras fontes mencionadas no tópico "Referências". Não é intenção da autora avaliar ou julgar o movimento estratégico da empresa em questão. Este texto é destinado exclusivamente ao estudo e à discussão acadêmica, sendo vedada a sua utilização ou reprodução em qualquer outra forma. A violação aos direitos autorais sujeitará o infrator às penalidades da Lei. Direitos Reservados ESPM.

Em meio às passeatas realizadas no primeiro semestre de 2013 em todo o Brasil, surgiu um novo modelo de cobertura jornalística, que não é realizada por jornalistas ou repórteres fotográficos. Mas, eles não são “apenas jovens com um celular”, como disse Filipe Peçanha, um dos responsáveis pela operação do Mídia Ninja, durante entrevista. Entre milhares de brasileiros, esses jovens têm como objetivo registrar aquilo que as câmeras das grandes emissoras de televisão não vão mostrar. Para isso usam das novas tecnologias para transmitir em tempo real e via internet, todas as ocorrências das manifestações que começaram com a reivindicação de “vinte centavos” e terminaram pedindo justiça política. Mais de um milhão de pessoas estiveram presentes durante os meses de junho e julho nas passeatas que aconteceram nas principais capitais do País, e a mídia tradicional fez a cobertura a seu modo, usando suas técnicas e modelos. Cada meio construindo suas verdades de acordo com seus interesses. No entanto, a indústria da informação foi surpreendida por um novo fazer jornalístico, considerado por pesquisadores da Universidade de Columbia como o modelo pós-industrial do jornalismo. Para Dríade Aguiar, responsável pela comunicação do Fora do Eixo², o Mídia Ninja “expande a ideia de comunicação, implementa o ativismo e cria uma nova estética – a do ruído na comunicação”. De acordo com esse modelo, o leitor passa a ter a função de produtor de conteúdo; o jornalista passa a ter a função de curador de conteúdo; a credibilidade não tem a ver com qualidade de imagem; a reputação da mídia pode estar em risco por seus interesses diversos; a conexão generalizada conduz a informação de forma cada vez mais descentralizada pelas redes; e, assim como nas viradas das grandes eras, não se sabe ao certo a que ponto seremos conduzidos a partir dessas mudanças.

Como as mídias alternativas e independentes estão reprogramando as mídias tradicionais? Será que a mídia tradicional tem processado as mudanças do seu tempo no que diz respeito à indústria da informação? Assim como a indústria da música, a indústria da informação pode estar passando por um problema referente aos intermediários. Afinal de contas, estamos num momento em que todos nós, em diversos níveis, somos produtores de conteúdo e ganhamos voz. Qualquer evento hoje, de uma final de campeonato a uma apresentação de balé da escola, ganha registro simultâneo nas redes por meio de seus atores.

Depois de 10 anos de trabalho dentro dessa tendência, atuando em Cuiabá, Uberlândia, Rio Branco (inicialmente), Ribeirão Preto, São Carlos e Florianópolis, nos chamados coletivos culturais (blogs e pequenas redes que se organizam para realizar eventos e denunciar abusos e injustiças), surgiu em São Paulo, em 2011, o Mídia Ninja, um grupo que tem seu organograma organizado paralelamente à rede Fora do Eixo e aos coletivos espalhados pelo Brasil e América do Sul. “O grupo tem em seu DNA ser uma rede de comunicação colaborativa”, explicou Dríade, “a cobertura dos eventos independentes foi fundamental para a formação da rede e as narrativas são fundamentais para sua manutenção”. O grupo uniu-se voluntariamente para fazer coberturas dos eventos que não conseguiam se fazer ouvir pelas mídias tradicionais. Adquiriram notoriedade nacional e internacional nas transmissões das manifestações de 2013, mostrando policiais ateando fogo na própria viatura, ou a prisão de um suposto acusado de portar explosivos. Apesar da baixa qualidade dos vídeos transmitidos, sua reputação superou a das mídias tradicionais, pois a Mídia Ninja “transmitia a verdade”, isenta de interesses políticos ou financeiros.

Além da questão da análise da atuação da mídia tradicional e da mídia alternativa nos eventos, outras questões secundárias podem ser exploradas (ver Notas de Ensino), como a Teoria Ator Rede, de Bruno Latour; as mudanças nos discursos com a mudança dos meios, de

2 O Circuito Fora do Eixo é uma rede de coletivos culturais que surgiu em 2005 e que se destaca pelo seu contínuo crescimento. Em 2012, totalizava mais de 200 espaços culturais no Brasil, 2 mil agentes culturais, 2.800 parceiros e 20 mil pessoas indiretamente, estando presente em 27 Estados e mais 15 países da América Latina. Acesso em 16/01/2014: <http://foradoeixo.org.br/>

Marshall McLuhan; a Teoria Semiótica e as Linguagens Híbridadas, de Charles Pierce; e na proposição do jornalismo pós-industrial.

A questão central do case é: por que a mídia tradicional, com seu tecnicismo estaria perdendo reputação para amadores independentes?

Contextualização histórica

No dia 17 de junho de 2013 os brasileiros foram às ruas das principais capitais do País para reivindicar por justiça política e preservação dos direitos dos cidadãos. Tratava-se de uma versão ampliada – exponencialmente maior – do apelo pelo valor do transporte público, lideradas desde 2012 pelo grupo do Movimento Passe Livre.

A luta pelos “vinte centavos”, começou em 27 de agosto de 2012, na capital do Rio Grande do Norte, Natal, após o governo aumentar as passagens dos ônibus urbanos em R\$ 0,20. Os dias seguintes foram seguidos de protestos e repressão policial e terminaram com a decisão dos vereadores, no dia 6 de setembro, de revogar o aumento das tarifas de ônibus³.

Em 5 de março de 2013, mesmo antes do reajuste da tarifa, a população de Porto Alegre⁴, no Rio Grande do Sul, conseguiu mover uma medida cautelar por meio de dois vereadores do PSOL que encaminharam uma denúncia de aumento abusivo das tarifas dos transportes públicos, de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. As manifestações no Sul do País pelos “vinte centavos” acabaram inspirando outras capitais, como Goiânia (GO), onde o governo anunciou o reajuste de R\$ 0,30 no dia 8 de maio, e novamente Natal (RN), que reajustou valor da passagem em “vinte centavos” no dia 13 de maio. Nas duas capitais, as manifestações foram fortemente reprimidas pela polícia e resultaram em depredação de ônibus e patrimônio público, além de detenções de estudantes.

Na sequência, em 2 de junho, o prefeito de São Paulo, que havia prometido em campanha não aumentar a tarifa do transporte público, anunciou um reajuste de passagem de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. O aumento dos “vinte centavos” desencadeou protestos e, principalmente, uma onda de nacionalismo que mobilizou os brasileiros, de forma que os movimentos anteriores como Diretas Já e Fora Collor foram considerados “pálidos” diante do “abismo aberto entre os representantes e aqueles que se consideram mal representados”⁵.

Ao todo um milhão de pessoas foram às ruas nas principais capitais do Brasil, marchando e gritando não apenas pela revogação do aumento das tarifas de ônibus, não apenas mais pelos “vinte centavos”, mas,

*a pauta de reivindicação ampliou-se, abarcando também a violenta repressão policial, os gastos do Brasil com os eventos esportivos (como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas), bem como as reivindicações mais genéricas e sem apontamentos mais concretos nas resoluções dos problemas, como a luta contra a corrupção e melhorias nos sistemas de saúde e educação*⁶.

3 Extraído de <http://tribunadonorte.com.br/noticia/protesto-contra-aumento-da-passagem-para-otransito-na-salgadofilho/230170> em 13/12/2013.

4 Extraído de <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/06/inspirados-em-porto-alegre-protestos-em-serie-contra-reajustes-natarifa-de-onibusse-espalham-pelopais-4171189.html> em 13/12/2013.

5 Extraído de <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Edição 2327, de 26 de junho de 2013, página 61. Em 13/12/2013.

6 Extraído de <http://www.brasilecola.com/historiab/protestos-contra-aumentodas-tarifas-umanova-acao-politica.htm> Em 13/12/2013

Como em clima de final de copa do mundo, em que o Brasil está em campo, os brasileiros evocaram trechos do Hino Nacional e disseminaram nas redes sociais da internet imagens das passeatas legendadas em letras garrafas: “o gigante acordou”, em alusão ao verso “gigante pela própria natureza” em nosso hino: os brasileiros queriam marcar o momento como uma forma de reconstrução política nacional, e para tanto, um filho do Brasil não poderia fugir à luta. Todos estavam convocados a ir às ruas.

Após o anúncio do aumento da tarifa em São Paulo, os protestos começaram a ganhar corpo e visibilidade na imprensa. Em São Paulo, ocorreram manifestações nos dias 3, 6, 7, 11, 13, 17, 18, 19 e no dia 20 de junho. Até o dia 13, as manifestações estavam sendo marcadas por atos de violência, intensa repressão policial, tumultos e um discurso político de radicalização de repressão e prisão de jornalistas e manifestantes. Entraram em pauta as questões da polícia que protege e os direitos dos cidadãos de se manifestarem pacificamente contra atos de seus representantes.

Amplamente difundida pelas redes sociais, foi marcada a grande marcha pelo País, convocando a adesão de todos os brasileiros para o dia 17 de junho, uma segunda-feira. Em São Paulo, de acordo com o Movimento Passe Livre e setores da imprensa, mais de 100 mil pessoas participaram da manifestação naquele dia, que entrou para a história da cidade. A marcha partiu do Largo da Batata e se dividiu em três grupos: um pela Avenida Faria Lima; outro pela Avenida Paulista; e o último para Marginal Pinheiros, de onde seguiu para o Palácio dos Bandeirantes⁷. No Rio de Janeiro, 100 mil pessoas tomaram o centro da cidade, partindo da igreja da Candelária, na Av. Presidente Vargas, ocupando toda a extensão da Av. Rio Branco e terminando em frente à Cinelândia, em que os manifestantes entregaram rosas para os policiais em sinal de paz. Em Brasília, 25 mil pessoas seguiram pelo Eixão (o Eixo Monumental, uma das principais vias da cidade) e centenas delas conseguiram chegar à marquise do Congresso Nacional.

A repercussão desses eventos estava em todos os lugares: na internet, nas mídias de massa, nas salas de aula, nas mesas de bares. A mídia de massa confundia o leitor mais desatento, ora defendendo, ora acusando um lado. Como no caso da cobertura do jornal A Folha de S. Paulo, que no dia 13 de junho defendeu a ação da polícia, acusando os manifestantes de vandalizarem as vias da cidade e no dia seguinte (14), reconheceu a truculência da polícia após ter sete de seus repórteres atingidos pela ação da corporação.

No Jornal da Globo do dia 12 de junho, Arnaldo Jabor, apontou os manifestantes como sendo jovens pertencentes à classe média, que ignoravam a política e que não sabiam sequer o que era a PEC 37, ou ainda, porque estavam lutando pela redução dos R\$ 0,20. Jabor afirmou que estavam sendo influenciados pelos protestos na Turquia⁸. Na segunda-feira seguinte, ele se desculpou em sua coluna na Rádio CBN e no site da emissora: “Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos”⁹. Em sua nova declaração, em tom mais humilde e sem provocações, Jabor disse que “O Movimento Passe Livre tinha toda a cara de anarquismo inútil” e que ele temia que “a energia fosse gasta em bobagens, quando há graves problemas no Brasil”.

Em todas as outras mídias de massa, de telejornais a revistas, houve uma mudança no discurso da imprensa¹⁰.

A repressão aos atos de vandalismo tinha atingido os próprios veículos e o crescimento do movimento indicava que não se tratava exatamente de ignorância política. O grito de

7 Extraído de [http:// revistaforum.com. br/blog/2013/09/ uma-cronologiadadas-manifestacoes/em13/12/2013](http://revistaforum.com.br/blog/2013/09/uma-cronologiadadas-manifestacoes/em13/12/2013).

8 Extraído de [http://g1.globo.com/jornal-daglobo/videos/t/ edicoes/v/arnaldojabor-fala-sobre-onda-de-protestoscontra-aumentonas-tarifas-deonibus/2631566/ em13/12/2013](http://g1.globo.com/jornal-daglobo/videos/t/edicoes/v/arnaldojabor-fala-sobre-onda-de-protestoscontra-aumentonas-tarifas-deonibus/2631566/em13/12/2013).

9 Extraído de [http://cbn. globoradio.globo.com/comentaristas/ arnaldojabor/2013/06/17/ AMI-GOS-EU-ERREIE-MUITO-MAIS-DOQUE-20-CENTAVOS.htm#ixzz2nZJQbhik](http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldojabor/2013/06/17/AMI-GOS-EU-ERREIE-MUITO-MAIS-DOQUE-20-CENTAVOS.htm#ixzz2nZJQbhik) em13/12/2013.

10 Extraído de [http://www. observatoriodaim prensa.com. br/news/view/ uma_virada_na_cobertura](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura) em 13/12/2013.

“Amanhã vai ser maior!” ecoava em centenas de registros feitos por participantes das passeatas na rede de vídeos Youtube. Cartazes com reivindicações, fotografias de jovens com caras pintadas e usando as máscaras do protagonista do filme “V de Vingança”¹¹, preenchiam a interface do aplicativo de imagens e vídeos Instagram. Relatos particulares de ocorrências durante a participação nas manifestações cobriam a linha do tempo do Facebook. A virada da cobertura da imprensa deu-se em boa parte devido a esses registros. Enquanto o telejornal da GloboNews mostrava a Rio Branco tomada por manifestantes em visão vertical a partir do helicóptero, as pessoas registravam o que acontecia na rua, em uma visão horizontal, e publicavam nas redes em tempo real. Se as imagens editadas de vandalismo aos prédios públicos eram publicadas apenas no dia seguinte nos telejornais e jornais impressos, na mesma noite era possível ver policiais ateando fogo a própria viatura da corporação.

Tudo indicava para uma mudança, não apenas de postura e de discurso, mas para uma reconfiguração das mídias que passaram a concorrer com o produtor amador de conteúdo (e que por esse motivo, seria mais autêntico do que a mídia tradicional movida por diversos interesses).

Contextualização da indústria

Inspirado por Kant, o escritor vienense Karl Kraus defendia a imprensa – em 1899 – como o “espaço mais importante para se iluminar as pessoas e a sociedade”. Assim como Adorno e Horkheimer em sua crítica à sociedade ocidental (culto à técnica e à racionalidade)¹², Kraus defendia o Iluminismo e acreditava na concepção de autonomia, ou seja, tornar-se “esclarecido” significava tornar-se “realmente autônomo” (MARCONDES FILHO, 2009a, p. 17). Para ele, o jornal deveria descartar as técnicas e os interesses de toda ordem para elevar as mentes e ajudá-las a conquistar maturidade e pensar por si próprias. No entanto, o próprio Kraus chegou à conclusão de que isso não aconteceria. Criou o conceito de “frases” (expressões vazias que atrofiam o imaginário) e afirmou o papel decisivo da imprensa em seus discursos que antecederam a Primeira Guerra Mundial e a expansão e vitória do nazismo alemão. O falar baseado em “frases” incapacitou a “humanidade de imaginar”, impedia a informação e, portanto estabeleceu um estado na audiência de “deixar tudo acontecer” (ALDA, 2002, p.164), que, de acordo com Kraus, constituiu a dominação e manipulação através linguagem. Bem como concluiu Habermas mais tarde¹³. Por fim, Karl Kraus caracterizou a imprensa como o “maior mal da sociedade” e previu o que “Jean Baudrillard falou, setenta anos depois, sobre a Primeira Guerra do Golfo, ou seja, a de que muitos acontecimentos veiculados pela imprensa sequer aconteceram. O que houve foram clichês que ficaram repercutindo automaticamente” (MARCONDES FILHO, 2009b, p. 9).

A produção de notícias acabou por transformar o jornalismo em uma atividade industrial. Como afirmou Habermas, os meios de massa alcançaram uma técnica e uma eficácia incomparavelmente superiores e, com isso, a própria esfera pública se expandiu, “Por outro lado, assim, eles também foram cada vez mais desalojados dessa esfera e inseridos na esfera outrora privada, do intercâmbio de mercadorias; quanto maior se tornou a eficácia jornalístico-publicitária, tanto mais vulnerável eles se tornaram à pressão de determinados interesses

11 Numa referência ao grupo Anonymous, uma rede de ativistas e hackers ativistas anônimos, que não possui uma liderança e que atua em todo o mundo em defesa de causas diversas. Os membros do grupo usam a máscara de Guy Fawkes, também utilizada pelo protagonista do filme V de Vingança, que faz uma alegoria à opressão do governo e que é utilizado por grupos (como os anarquistas) para propagação de teorias políticas.

12 Extraído de [http:// revistaestudos politicos.com/adialetica-doesclarecimento-dethodor-ador-no-emax-horkheimerresenha-dejuliano-borges/](http://revistaestudos politicos.com/adialetica-doesclarecimento-dethodor-ador-no-emax-horkheimerresenha-dejuliano-borges/) em 13/12/2013.

13 Extraído de http://pse.ifes.edu.br/disc_desb/engenharia_de_processos/site/projeto_livro/referencias/tacnovo.pdf em 13/12/2013.

privados, fossem individuais, fossem coletivos” (2012, p. 221). Enquanto indústria, o jornalismo estabelece relações perigosas com os poderes, sejam eles políticos, econômicos, a própria imprensa e a massa. Esses interesses conduzem a atividade à inconsistências. Inconsistências essas que aos poucos foram sendo reveladas no conteúdo jornalístico e desestabilizaram a reputação da imprensa.

Historicamente, a imprensa teve o papel de orientar, trazer a luz, buscar a verdade, como apontou Karl Kraus. No entanto, esse “papel mítico que ela realiza no inconsciente das pessoas, a presença implícita, tácita, que de alguma forma, acha-se portadora de uma verdade divina, soberana, acima dos atores momentâneos” (MARCONDES FILHO, 2009a, p. 56) pode estar ruindo diante das tecnologias que trazem os fatos à condição de instantâneo e simultâneo da era digital.

Com o acesso difundido de computadores e telefones à rede global onipresente, todo cidadão pode hoje conectar-se e produzir, copiar, alterar, compartilhar ou discutir conteúdo digital e isso contrasta as velhas verdades sobre a imprensa e a mídia em geral. Trata-se do enfraquecimento do polo de emissão, conforme defendido por Pierre Lévy e André Lemos:

“Essa mutação na comunicação está atrelada a processos midiáticos que não se enquadram mais na denominação de “mídias de massa”. Alguns autores chamam de mídias digitais, outros de mídias interativas, novas mídias, etc. Independentemente do termo utilizado, parece ser uma evidência que diferentes formas de consumo, de produção e de distribuição da informação parecem hoje com os dispositivos e as redes digitais” (2010, p. 46).

O que antes era produzido por um grupo de mídias em um fluxo massivo, agora é produzido e distribuído de forma personalizada e interativa, desempenhando uma função aberta, não centralizadora, colaborativa, interativa e “pós-massiva” (Ibidem).

Nesse contexto, desponta a imprensa independente. No Brasil das manifestações e coberturas tendenciosas, desponta a Mídia Ninja – sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação¹⁴.

O Mídia Ninja formou-se em 2011 e sua atuação é conhecida pelo ativismo sociopolítico, sendo uma alternativa à imprensa tradicional. Seu objetivo é fazer a informação chegar a mais pessoas, divulgando notícias em tempo real de forma alternativa e independente. Para isso usam a transmissão em vídeo por streaming na internet e suas ferramentas são câmeras de celulares e uma unidade móvel montada em um carrinho de supermercado. A estrutura do grupo é descentralizada e usa redes sociais, principalmente o Facebook¹⁵, na divulgação de notícias. Filipe Peçanha explicou que a rede cria ferramentas em plataformas livres, para que qualquer pessoa possa usar, criando uma nova lógica de comunicação. “Existe na sociedade uma vontade de ignorar o processo, ela quer consumir a informação pronta”, complementou Dríade Aguiar, “por isso o Ninja quebra paradigmas, propicia ferramentas e oportunidades para geração de conteúdo”.

A pauta da rede é o “midiativismo” – liberdade e independência das mídias – e as primeiras coberturas independentes foram a transmissão ao vivo da Marcha da Liberdade em São Paulo, e a cobertura dos eventos nas aldeias Guarani-Kaiowa, do Mato Grosso do Sul, que rendeu um material em fotos e vídeos divulgados na página do Canal PósTV¹⁶.

14 Extraído de http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja em 14/12/2013.

15 Extraído de <https://www.facebook.com/midiaNINJA> em 14/12/2013.

16 Link acessado em 14/12/2013 <http://canalpostv.blogspot.com.br/>

Mas foi na cobertura das manifestações populares em 2013 que o Mídia Ninja e sua tática de privilegiar conteúdo de forma mais próxima à origem dos fatos e das fontes alcançou notoriedade em todo o País, divulgando o que ficou fora da pauta das reportagens da grande imprensa, a mídia tradicional.

Fatos

Um dos casos mais evidentes das diferenças entre a mídia tradicional e a mídia alternativa foi a prisão do Bruno Ferreira Telles, de 25 anos, no dia 22 de julho de 2013¹⁷. Ele foi preso sob a suspeita de portar um coquetel molotov em protesto e de ter lançado o coquetel contra os policiais militares próximo ao Palácio da Guanabara. “O Bruno foi preso junto com a gente, não havia explosivo nenhum com ele, nem na mochila dele. Mas apareceu uma mochila com 20 coquetéis e a polícia dizia que eram do Bruno. Filmamos e transmitimos tudo desde o momento da prisão”, contou Filipe. A grande mídia deu a versão da polícia que informou, pelo Twitter oficial da corporação, o número de presos e de explosivos apreendidos. No entanto, a partir do vídeo feito pelo Mídia Ninja, Bruno pediu que as pessoas enviassem imagens feitas no momento do confronto, imagens que o inocentaram, como o vídeo feito a partir de um prédio que mostra Bruno sem nada nas costas ou nas mãos¹⁸. Essas imagens fizeram com que a polícia e a mídia admitissem seu engano e o caso foi arquivado em 29 de julho, pela juíza Ana Luiza Coimbra, do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ).

Em sua coluna on-line no Jornal O Estado de S. Paulo¹⁹, o jornalista Fernando Gabeira defendeu que na relação entre a mídia tradicional e a independente existe uma via de mão dupla, porque no fim das contas, a mídia tradicional se alimenta das informações que circulam nas redes digitais para alimentar ou recheiar suas pautas. Mas esse não foi o pensamento generalizado. Em alguns momentos, a mídia tradicional se mostrou ameaçada pela força das narrativas independentes do Mídia Ninja, e demonstrou isso conduzindo os fundadores do Mídia Ninja, Bruno Torturra e Pablo Capilé, para várias sabatinas em entrevistas em jornais impressos e programas de TV.

Uma dessas participações mais importantes, pelo tempo que foi destinado ao bate-papo com os fundadores (uma hora e trinta minutos), foi a entrevista concedida ao programa Roda Viva, da TV Cultura. De acordo com o relato de Bruno Torturra na Revista Piauí, o convite da Cultura chegou menos de uma semana depois da matéria de um bloco inteiro no Jornal Nacional sobre as controvérsias da prisão de Bruno Teles e em que foram exibidas (sem autorização) imagens da entrevista que Bruno concedeu ao Mídia Ninja durante sua prisão. Para Torturra, estar no Jornal Nacional era indício de que estavam certos, de que as Narrativas Independentes tinham seu papel no jornalismo:

A partir do Jornal Nacional, o jogo virou novamente. De veículo independente, novidade a ser discutida, o Mídia Ninja se tornou catalisador de um debate maior. Sobre a própria imprensa e sua crise – de credibilidade, de finanças, de função social. Nos transformamos em assunto dos articulistas de política. Todos os veículos voltaram a ligar, dessa vez com outras perguntas. Mais sobre a mídia e seu futuro do que sobre as ruas e as redes sociais. Mais sobre quem nos financiava do que o que pretendíamos. E nossos detratores, cada vez mais raivosos, pararam de questionar quem estava à frente, passando a fazer suposições

17 Link acessado em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/juiza-decidearquivar-processocontra-o-estudantebruno-teles.html> 18/12/2013.

18 Extraído de <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/video-empoder-da-policiacivil-desmentever-sao-de-pmsobre-prisao-debruno-ferreira-teles> em 18/12/2013.

19

sobre quem estaria por trás. Bem, para uma tropa de jornalistas de gabinete, quem estaria nos financiando? Quem seria o grande arquiteto? (REVISTA PIAUÍ, “Olho da Rua”, Ed. 87)

No dia 5 de agosto de 2013, aconteceu a entrevista ao Roda Viva. Durante a entrevista, Pablo Capilé, defendeu que o que aconteceu no mercado na música é o que estaria acontecendo na indústria da informação: a crise dos intermediários. A internet possibilitou criar uma tecnologia de compactação de música, que permitiu seu compartilhamento gratuito, que foi contra a indústria fonografia que subsistia de venda de música. Hoje, os grandes artistas criaram um novo modelo de negócios como fonte de renda, e, os artistas independentes que não conseguiam se expressar, encontraram canais alternativos e podem se apresentar em mais de 400 festivais que acontecem todos os anos no Brasil, mobilizando cerca de 40 mil artistas independentes:

“Construindo pequenas pontas, transformando essas pequenas pontas em grandes redes que se retroalimentam o tempo inteiro, isso vai desmonetarizando algumas coisas e vai somando esforços ao entorno de construir alternativas de sustentabilidade. Então, a experiência que a gente teve na música é bastante referencial para nós nessa próxima experiência dentro da crise de intermediários que rola hoje no jornalismo e na comunicação” (trecho da entrevista no RODA VIVA – 11’30)²⁰

Durante a maior parte da entrevista, Capilé e Torturra foram questionados sobre o modelo de negócios do Mídia Ninja, como viam o papel da indústria da informação nesse cenário e a questão da notícia como mercadoria. Diante dos feitos midiáticos do Mídia Ninja, como a criação de uma rede de colaboradores dedicados a não interromper as transmissões mesmo “sob tortura”, explorar a questão de fonte de renda do grupo parecia um item menor. Mas conduziu a conversa para um tópico importante, o chamado jornalismo pós-industrial²¹, defendido num ensaio da Universidade de Columbia, pelos professores C. W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky²², que defendem que a transformação do jornalismo é inevitável.

Estará a mídia pronta para mudar de acordo com o seu tempo? Poderia a indústria da informação criar um novo modelo de negócio para si mesma, que a tornasse mais independente de interesses financeiros e que recuperasse sua reputação, como defendia Karl Kraus, na divulgação da verdade? A crise seria, por fim, o fato de a mídia tradicional ser uma indústria? Essas questões acabam por envolver um dos tópicos analisados nesse caso: a troca dos valores entre o que é verdadeiro e o que é manipulado, com as coberturas das mídias independentes. Onde estaria a verdade dos fatos?

Para os fundadores do Mídia Ninja, o mais importante é continuar atuando, levando a verdade de forma instantânea e simultânea pelas redes por meio de colaboradores voluntários, e permanecer distante de interesses políticos e econômicos. Por isso, o modelo de negócios que seguirão será o da formação de fundos de doação que será alimentado por milhares de pessoas (crowdfunding). De acordo com o ensaio jornalismo pós-industrial, no futuro haverá mais organizações que não visam lucros, mantidas por diversos tipos de doações. Essa nova forma de produzir notícia, sendo menos mercadológica, produziria um novo cenário para o jornalismo e um novo ecossistema para as mídias, assim como aconteceu com a indústria da música.

20 Acesso <http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8Ql8M> em 13/12/2013.

21 Acesso http://towcenter.org/wp-content/uploads/2012/11/TOWCenterPost_Industrial_Journalism.pdf em 13/12/2013

22 Também autor do livro “A Cultura da Participação” referência importante para os estudos das mudanças radicais sobre a forma como milhões de pessoas obtém informação.

Se olharmos para os aforismos de Marshall McLuhan, podemos incluir as mudanças que estão ocorrendo na mídia tradicional como reconfigurações a partir da entrada da mídia alternativa. Como explorava o pesquisador, da mesma forma como aconteceu com o rádio, a partir da entrada da TV, e com a TV a partir da entrada da internet. Com a mudança no papel do leitor e a mudança no modelo de negócios, qual seria a nova linguagem para a mídia tradicional?

REFERÊNCIAS

- LATOUR, Bruno. Reagregando o Social. Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012
- LEMOS, A; LEVY, P. O futuro da internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010
- MARCONDES FILHO, Ciro. Ser jornalista. A notícia como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009 a
- MARCONDES FILHO, Ciro. Ser jornalista. O desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009 b
- POWERS, William. O Blackberry de Hamlet. Filosofia prática para viver bem na era digital. São Paulo: Alaúde, 2012
- REVISTA PIAUÍ. "O Olho da Rua". Rio de Janeiro, edição 87, dezembro de 2013. Acesso: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-87/questoes-de-midia-e-politica/olho-da-rua> em 17/01/2014
- SHIRKY, Clay. A Cultura da Participação. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011